

## ESTUDO LEXICAL DE UMA SOCIOVARIANTE PROFISSIONAL

**Maria Emília Barcellos da Silva**  
Faculdade de Letras/UFRJ (Brasil)

O Projeto do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – Projeto APERJ –, desenvolvido no Setor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras/UFRJ (Brasil), em sua vertente léxico-semântica, elabora o arquivo dos vocabulários específico e comum em vigor nas comunidades pesqueiras artesanais fluminenses; opera-se com dados distribuídos em áreas conceptuais e campos semântico e lexical, observadas as produções discursivas orais de seus informantes – profissionais anal-fabetos ou semi-alfabetizados que vivam do apresamento da fauna aquática.

Os dados que sustentam esta pesquisa foram eliciados de gravações alocadas por três faixas etária e por localidade, esta definida pelo vigor com que se comportasse na atividade em pauta. As variantes "faixa etária" e "localidade" emprestam o cunho sociolingüístico a esta especulação de base dialectológica.

O estudo lexical do falar dos pescadores fluminenses apresenta dois momento distintos:

(a) um em que se opera no *vocabulário total* do pescador e em que se processsa o levantamento de todos os vocábulos de base lexical utilizados pelos informantes da pesquisa;

(b) outro em que se busca estabelecer o *vocabulário específico* do falar do pescador enquanto inserido no fazer da sua atividade profissional.

O coroamento da fase 1, a que trabalha com o **vocabulário comum**, dá-se com a montagem de índices de diferentes naturezas, a saber: a) o índice *léxico-textual*; b) o *geral de lexemas* com informações sobre o *total de ocorrências de cada unidade* e c) o *geral de lexemas* em ordem *decrecente de frequência*, a partir da relação frequência/partição dos mesmos.

A fase 2, a que empresta ao estudo um carácter marcadamente lexicográfico, busca a delimitação do **vocabulário específico** da atividade e gravita em torno do conceito nuclear "pesca artesanal" e dos traços semânticos que o compõem. É essa a fase de que se propõe tratar nesta comunicação, dando seguimento ao que já foi dado a público em outras oportunidades em que esteve reunida a comunidade académica nacional e internacional. Para se atingir o objetivo ora proposto, estabeleceram-se os seguintes passos: (1) definição de **pesca artesanal**; (2) discussão da **natureza do vocabulário específico da atividade** dada a sua interagência com o *vocabulário comum*; (3) reflexão sobre a **estruturação do discurso lexicográfico** e os seus **procedimentos conexos e afins**.

O quadro sinóptico demonstrativo do panorama da pesquisa, ora em exercício na Região do Norte-fluminense, é o seguinte:

**nº de localidades:** 13 (5 fluviais + 2 lacustres + 6 marítimas)

**nº de informantes:** 78

**faixas etárias/horas de gravação:** A (de 18 a 35 anos): 34 h;

B (de 36 a 55 anos): 37 h;

C (de 56 anos em diante): 32 h

**TOTAL = 103 h.**

## 1. O que é uma atividade artesanal?

A atividade será artesanal quando for realizada, com mínimo apelo a recursos tecnológicos, por profissional autónomo, proprietário dos seus meios de produção. No caso da pesca, diz-se ser ela artesanal quando for desempenhada pelo pescador, sozinho ou juntamente com companheiros requisitados no grupo familiar ou familiar, em regime de parceria, tendo por limite físico-geográfico de atuação a ambiência estuarina, lacustre ou marítima, limite este percorrido com autonomia de viagem reduzida.

No que se refere ao pescador artesanal do Norte-fluminense (RJ), o conceito de artesanal *stricto sensu* se fragiliza no que tange ao indicativo "proprietário de seus meios de produção", uma vez que é gritante o empobrecimento geral daquele grupo populacional entre outras razões por que se dedica a tarefas fora do círculo de prestígio, como é o caso desse tipo de pesca: cada vez menos, esses profissionais detêm a posse dos meios pelos quais exercem a sua profissão, constatação que poria "em xeque" o enquadramento da pesca como "atividade profissional de cunho artesanal".

Aqui a primeira das lições lexicográficas: fragilizado um parâmetro definatório, há que se arregimentar outro – ou outros – para que o conceito se reequilibre e recupere o seu valor veridictório. Se aquebrantada a relação nome/referente – no caso, a "propriedade dos meios" –, urge resgatar-lhe a "precisão significativa": acrescentam-se à predicação do termo informações que lhe possam restaurar os limites conceptuais, quais sejam a) a pequena potência de impulsão (remo ou motor de até 10 H.P.); b) a autonomia náutica a variar de horas a três/quatro dias – uma semana no máximo; c) o tecnicismo minimamente sofisticado, incapaz de esvaziar as relações solidárias e cotidianas entre os parceiros na atividade; e) o "saber herdado" de antepassados, de sorte a se poder escutar a voz ancestral na fala que movimentava as lides do dia a dia (tal como se depreende da declaração de um jovem pescador, filho de um *armador*, que é como se denomina "proprietário de várias embarcações":

*"...falo como meu pai falava para que reconheçam o meu mando"*

Tendo-se acrescentado ao conceito inicial de "pesca artesanal" os novos parâmetros citados, reequilibra-se o espaço significativo do termo pela óptica da univocidade relacional termo/referente, resultando no que se segue:

**"pesca artesanal é a atividade desempenhada por um profissional autônomo, em geral proprietário dos meios de produção, que trabalha sozinho ou em companhia de familiar ou familiar, em regime de parceria, tendo por limites físico-geográficos de atuação a ambiência lacustre, estuarina ou marítima, na qual se desloca, com reduzida autonomia de viagem, em embarcações movidas a remo ou a motor de até 10 H.P., realizando o apresamento de peixes e frutos do mar"**

mento do pescado com petrechos de mínima sofisticação técnica, orientado pelo *saber-fazer* herdado de seus maiores".

Na recomposição demonstrada do conceito exemplificado, está implícito o procedimento basilar do trabalho lexicográfico, qual seja o da busca incessante dos limites conceptuais rigorosamente precisos de um termo discursivo: no momento em que um parâmetro definatório se fizer instável – como aconteceu com "propriedade de meios" –, parte-se imediatamente à cata de um novo suporte, de sorte a se restaurar a sustentação da univocidade relacional nome/referente já aludida, tal como se procedeu, então, ao apelar à forma de impulsão das embarcações, à autonomia náutica, ao índice de sofisticação técnica e à forma de aprendizado da atividade para definir o que se entende e reconhece como "pesca artesanal".

A preocupação com o rigor desse fazer pode se resumir no enunciando enfático: "*lexicografia, teu nome é precisão*".

No entanto, em que pese à segurança restaurada ao conceito "pesca artesanal", há que se concordar que todo o seu aparato de precisão adveio de **procedimentos extra-lingüísticos**, ainda que produtivamente plantados a partir das respostas provocadas pelas perguntas "*quem realiza tal atividade, como, onde, com quem, com quê*". Dada a pretensão e a natureza lingüística do exercício lexicográfico, impõe-se instrumentá-lo com **procedimentos lingüísticos** e, assim, estabelecer-o que vem a ser, por esse enfoque, o **vocabulário de uma atividade**.

## 2. O vocabulário específico de uma atividade

O **vocabulário específico de uma atividade** se caracteriza pela *univocidade, precisão e rigor* com que uma nomeada evoca, com constância, um mesmo referente.

Essa assertiva funciona admiravelmente para *línguas especiais* de atividades de prestígio, que retratem segmentos escolarizados e tenham a sua abrangência assegurada por manuais, instrumentos institucionais e organizacionais e, até mesmo, por peças jurídicas. Está-se, entretanto, neste caso, a tratar de um fazer socialmente discriminado, periférico, desempenhado por analfabetos ou semi-alfabetizados, cuja transmissão e manutenção do saber é eminentemente oral; a esses dados somem-se as condições particularíssimas em que a pesca artesanal se desenvolve, condições essas que se passam a expor.

A pesca artesanal é uma atividade, antes do mais, generosa, que acolhe sem restrições em seu seio, em épocas de calamidades sociais, todos os desvalidos que a procurem como solução imediata de sobrevivência, detalhe que há de emprestar suplementares dificuldades à delimitação do **vocabulário específico da pesca**. Ao chegar, o peregrino traz na bagagem desencantos muitos, esperanças poucas e uma experiência vivencial que, necessariamente, será expressa em atos de fala. E, como conviver é trocar; é deixar-se no outro na medida em que se incorporam traços estranhos a si, o vivente transfigura-se em **convivente**: para o seu bem ou para o seu mal, quem um dia participou de um ritual de convivência nunca mais será igual ao que fora antes disso.

Por si só, a troca de experiências vivenciais, enfocada pelas inge-  
rências de um falar, responderia pelo inchamento do acervo vocabular do pescador-hospedeiro, que, para se investir das funções de interlocutor terá de, pelo menos, banalizar – se não, modificar – certos termos técnicos específicos da atividade para se fazer entender pelo forasteiro que adentra às tarefas da pesca e, concomitantemente, ao seu universo vivencial. Os expedientes de acomodação ao parceiro normativamente diferenciado serão muitos e variados, dentre eles citam-se o *apelo a locuções* em detrimento a elementos *vocabulares simples*, a *redundâncias*, a *pleonasmos*, a *metáforas* e a *analogias* de toda a ordem. Vale tudo – ou quase tudo – no jogo da comunicação interpessoal, quando o entendimento é o objetivo maior.

Para exemplificar o exposto com termos retirados aleatoriamente dos inquéritos gravados *in loco*, listam-se **cachoeiro**, **emalhar**, **arco-íris**, **nadadeira** e **cardume**, tal como foram definidos e empregados pelos informantes:

**cachoeiro** – "trecho do rio que parece uma renda d'água....".

**emalhar** – "o peixe entra dentro da rede e fica dançando a dança de sua morte".

**arco-íris** - "é por onde o céu bebe de novo a água que desceu com a chuva".

**nadadeira** – "é a hélice do peixe".

**cardume** – "é o mesmo que manada, bando, turma, mancha, feixo de peixe".

Essa verdadeira franquia do acervo **técnico e específico** ao forasteiro já seria um complicador bastante significativo da tarefa de delimitar o *vocabulário da pesca artesanal*; no entanto, isso não é tudo: superada a vicissitude sócio-econômica que trouxe o peregrino às fainas da pesca, eis que o migrante, fortalecido em sua fé pela experiência solidária, enceta o caminho de volta à origem – a inverter assim a trilha "terra-água" para "água-terra". E ele, que chegou pauperizado de esperanças, carregado de desencantos e, não raro, faminto no sentido mais prosaico do termo, refaz seu caminho com a bagagem vivencial aumentada pelas aventuras curtidas a bordo da **canoa**, do **barco**, da **bateira**, do **caíque**, da **traineira** – designações inconfundíveis enquanto a pesca lhe garante a subsistência, as quais, com o passar do tempo, já em outro *habitat*, hão de imbricar os seus significados e os seus sentidos.

Nessa "volta à terra", dá-se o reencontro do *vocabulário comum* com o *específico da pesca*, enfatizando áreas de incerteza quando das suas segmentações: nesse retorno ao nem sempre doce lar, "canoa – embarcação de um tronco só"; "barco – embarcação de tábua juntada"; "bateira – embarcação de fundo chato"; "caíque – embarcação de compensado"; "traineira – embarcação a motor, com casario" neutralizam-se novamente em "embarcação ou barco, aquilo que anda em cima d'água".

Essa idas-e-vindas do vocabulário de uma atividade artesanal periférica constituem um dos momentos cruciais de um estudo lexical que se quer revestido da confiabilidade exigida para a estruturação lexicográfica. Quando se tem por *corpus* o acervo lexical de uma profissão de prestígio, a organização dos índices, glossários e mesmo dicionários dessa atividade tem a univocidade da relação nome/referente/predicação facilitada e garantida por documentos, normas e empregos estatuídos e consagrados pelo uso e reconhecimento em classes favorecidas, quanto mais não sejam, alfabetizadas, o que aponta para a escrita como uma recorrência costumeira.

No caso desta pesquisa, está-se a lidar com comunidades exiladas das faixas de favorecimento social, usuários cativos da modalidade oral da língua – na sua maioria ágrafos–, surpreendentemente conscientes do peso discriminatório que a sua condição de analfabetos lhes impôs, tal como se depreende da elocução de um informante:

"não temos nada, nada, somos como cegos: nossa escola foi este mar; nosso lápis, este remo: foi com ele que escrevemos nossas histórias de pouca valia...".

(Nesse informante, a propalada, prévia e necessária leitura-do-mundo não se completou com a prestigiosa leitura-do livro, e ele se reconhece, por causa disso, como alguém que "ficou à deriva no trato das coisas de precisão").

### 3. O estudo lexical de uma sociovariante profissional

O estudo lexical de uma *língua especial*, na sua vertente lexicológica/lexicográfica, se consubstancia a partir das formas consagradas pelo uso que, sendo difuso como se procurou demonstrar, tem de se redobrar em rigor para cumprir os seus objetivos. O primeiro passo para que se atinjam as suas propostas é o que concerne à **segmentação** dos inquéritos que constituem o *corpus* de análise.

Para a segmentação eficiente dos inquéritos, parece óbvio que se conheçam maximamente os meandros pelos quais a atividade se processa. Isso posto, há que se atentar para as estratégias a que se pode submeter um termo para que o jogo comunicativo se complete de modo eficaz, sejam elas a) a *reacomodação sintática*; b) a *revalorização semântica*; c) a *reacomodação morfológica*; d) a *redistribuição de sujeitos e predicados*; e) as *aproximações parassinônimas*; f) as *ampliações conceptuais*, tal como, a seguir, se apresenta.

#### A) Reacomodação sintática

Observe-se os itens

I. **parar** II. **andar** III. **pedra** (termos de alta frequência no *vocabulário comum*).

A ação de **parar** assume traços que a inserem no *vocabulário específico da pesca* quando associada a novas montagens circunstanciais, não operadas fora da atividade:

**parar na coroa**, significando "fundear o barco fora do porto, no meio do rio";

**parar no porto**, significando "terminar a jornada de trabalho".

O mesmo se dá com **andar**: quando vinculado ao sujeito "peixe", vale "nadar"; quando associado à circunstância "à rola", vale "navegar à deriva".

O substantivo "pedra" serve para exemplificar como a movência polissêmica de um termo é providencialmente sustada, numa sociovariante, pela sua inserção num espaço a ser coberto por um hiperônimo. Assim concebendo, o termo **pedra**, aludindo a *fundo do rio*, comporá o campo semântico definido na pesquisa como "aquático/fluvial", dirimindo a possibilidade de concebê-lo como co-hipônimo do elenco "terrestre", o que seria mais freqüente nos limites do *vocabulário comum*. Ainda tendo como instrumento de especulação o substantivo "pedra", pode-se perceber que, na variante profissional "pesca artesanal", essa lexia transita do concreto para o abstrato a fim de compor metáforas referentes, por exemplo, ao decantado "*conhecimento que o pescador tem do rio*", como se depreende de enunciado do tipo "*mais conheço as pedras deste rio do que as pedras dessa rua*".

### B) Revalorização semântica

Um termo se revaloriza semanticamente quando a ele é atribuído um novo espaço de atuação significativa, com abandono do hiperônimo sob o qual ele se instaurava. Exemplo disso é o emprego do deverbais "aperto", que pode, ao romper o estatuto denotativo, passar a comparecer sob o hiperônimo "acidentes na pescaria", passando a significar "naufrágio", como em

"passei um bom aperto numa pescaria noturna e fui salvo pelos companheiros".

### C) Reacomodação morfológica

Fala-se de **reacomodação morfológica** quando o usuário processa uma soldagem inusitada de afixos a radicais, como se exemplifica, a seguir, com o emprego dos prefixos {mini-} e {super-} e do sufixo {oso):

" aqui há um *mini-supermercado* de aviamentos";

"o rio hoje está *calmoso*, não tem vento".



Na operação com o prefixo {*super-*}, a partícula foi esvaziada do significado "**tamanho**", passando a se comportar como classe lexicômica ao assumir a *função de adjetivo* e revalorizou-se semanticamente como "**variado**" para tornar viável a sua contigüidade com {*mini-*}.

Na operação com o sufixo {-*oso*}, há uma evidente substituição do adjetivo **calmo**, no caso, provavelmente, havido pelo informante como insuficiente para expressar o estado de tranqüilidade do rio.

#### D) Redistribuição de sujeitos e predicados

Esse expediente aponta para o exercício de procedimentos *personificante* ("o **peixe é sabido**"); *zoomorfizante* ("**uma boa remada é aquela que faz o barco voar**") e *reificante* ("o pescador é **peça descartável**").

O levantamento da freqüência dessas ocorrências e de ocorrências similares permitirá que se conheça a escala e a hierarquia de valores dos pescadores, o universo vivencial em que eles se inserem e a sua auto-estima.

#### E) Aproximações parassinônimas

Concebe-se a **parassinonímia** como a característica dos termos havidos como de mesmo sentido mas com distribuição diferenciada, verdadeiras paráfrases culturais, visadas divergentes dentro de um mesmo recorte conceptual, variantes de cunho diacrônico, diastrático ou diafásico. Para melhor expor o que ora se teoriza, considerem-se os co-hipônimos de "**rede que fica fundeada na água por algum tempo**", sejam eles

**minjoada      rede de espera      rede come-e-dorme.**

No Norte-fluminense, os grupos de faixa etária mais alta – "C"–, mais conservadores, preferem o termo "**minjoada**". Os indivíduos das faixas etárias mais baixas preferem "**rede de espera**"; o vocábulo "**come-e-dorme**" foi recolhido tão-somente em Copacabana (zona sul do Rio de Janeiro/RJ) – ali generalizado em todas as faixas etárias–, reiterando assim a sua distribuição diatópica. Tais escolhas se revelam como autênticos parassinônimos, uma vez que expressam recortes de característica nitidamente diastrática e diatópica.

### F) Ampliações conceptuais

As ampliações conceptuais se aproximam das "revalorizações semânticas", mas, ao contrário destas, não abandonam o seu hiperônimo: apenas enriquecem o acervo de co-hipônimos de que fazem parte, em nome da maior clareza expressiva. Exemplo disso encontra-se em enunciado do tipo

**"a nadadeira é o controlo do peixe, é a hélice do peixe".**

Observadas as estratégias comunicativas empregadas pelos usuários de tal ou qual língua de especialidade e respeitados os limites das ingerências de tal ou qual relação nome/referente/predicação, pode-se partir para a segmentação dos inqueritos, cuja resultante será a distribuição dos itens vocabulares pelas *áreas conceptuais* e pelos *campos semântico e lexical*, do que se dá exemplo na montagem textual a seguir, obtida da colagem das informações gravadas de um informante da faixa b:

**No rio/dá/muita/cachoeira I.1. A vantagem/do/peixe IV.1 aqui é que ele passa /com /muita /velocidade IV.1. Para/agüentar/mais/tempo VI.3, o barco VI.3 deve ser feito de madeira/boieira VI.3, como o cedro V.2, a oiticica V.2. Quando o barco/encalha VI.3, tem que se cuidar para não perder/a/rede VI.7. O desencalhe VI.3 é feito com a pata/ do/ remo VI.4. Isso tudo fica mais difícil quando o céu/preteia III, e os castelos/de/nuvem III dão lugar à trovoada III ao vento III, mais vale ficar em terra II.**

Reagrupando-se os co-hipônimos sob seus hiperônimos, definindo-se dessa forma os campos semântico e lexical que constituem o acervo vocabular do pescador, tem-se o quadro seguinte:

<b>aquático/fluvial</b>	<b>terrestre</b>	<b>climático</b>
rio dá muita cachoeira	em terra	céu preteia
		castelos de nuvem
		céu preteia
		dar lugar à trovoada/ao vento

<b>fauna/peixe</b> vantagem do peixe passa com muita velocidade		<b>flora/terrestre</b> cedro oiticica
<b>impulsão artesanal</b> pata do remo	<b>armadilha</b> perder a rede	<b>embarcação/barco</b> agüentar mais tempo barco/ madeira boieira desencalhe chegar e encostar no porto

As situações-limite, representadas por lexias como "madeira boieira" e "chegar e encostar o barco" então arroladas sob o campo de interesse de "embarcação", quando bem poderiam freqüentar, respectivamente, os campos "flora/terrestre" e "antrópico/função na pesca", sendo passíveis, portanto, de redistribuição no inventário vocabular em estudo.

#### 4. Tarefas lexicais e áreas afins

As tarefas atinentes aos fazeres lexicais, especialmente aos lexicográficos, estão a se instrumentar com recursos emprestados da Informática: presentemente, opera-se com os programas QEDIT/TACT, que promovem a marcação dos segmentos vocabulares e, posteriormente, permitem o agrupamento e listagem que se fazem necessários a esse tipo de estudo.

Finalizando, faz-se oportuno ressaltar que os estudos lexicais e lexicográficos, com base num *corpus* de fala oral de estamento social marcadamente popular, cumpre a dupla tarefa de aprimorar as reflexões acadêmicas de caráter eminentemente científico e de manter o discurso universitário sensível ao pulsar do povo, segmento tantas vezes esquecido nesses percursos e, em verdade, o autêntico tecelão das mudanças, posto que é ele que, invariavelmente, urde, escreve e rescreve a sempre nova História das Gentes.

#### Referências

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade. Processos do neologismo*. São Paulo, Globo, 1981.

- CARVALHO, Nelly. *A terminologia terminologia técnico-científica; aspectos lingüístico metodológicos*. Recife, Editora Universitária, 1991.
- FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. *Para uma análise estrutural de campos semânticos*. Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras e Lingüística do Instituto de Expressão e Comunicação da Universidade de Brasília, 1979.
- MÜLLER, Charles. Le mot, unité, de texte et unité de léxique en statistique lexicologique. *Travaux de linguistique et de littérature*. Strasbourg, 1965.
- . *Iniciation à la statistique linguistique*. Paris, Librairie Larousse /1968/.
- SOUZA, Cilene Cunha de. *Um método quantitativo para a análise lexical*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1979.